



Data de publicação: 25/09/2025

Portugal se alinha à URSS?

Revolucionários debatem o futuro estratégico da Nação

Gabriela passos de Souza

Lisboa, 2 de Junho de 1975 – O Século

No terceiro dia de intensos debates entre os líderes da Revolução dos Cravos, o tema central foi a posição geopolítica de Portugal no novo cenário pós-25 de Abril, deveria o país manter-se na OTAN ou traçar um novo rumo em direção à União Soviética e ao bloco socialista?

A discussão teve início com a intervenção de Vasco Gonçalves, que defendeu com firmeza que Portugal deveria abandonar a aliança atlântica e abraçar o modelo socialista proposto pelo bloco de leste. Para Gonçalves, permanecer na OTAN seria “uma traição ao processo revolucionário” e aos ideais que motivaram a queda do regime salazarista. O primeiro-ministro afirmou; embora o antigo regime não tenha deixado o país endividado, a União Soviética ofereceria algo mais valioso do que empréstimos: “União soviética não dá empréstimos, dão fábricas.”

Otelo Saraiva apoiou a posição de Gonçalves, expressando preocupação com o que chamou de “ameaça constante” da OTAN sobre Portugal. Segundo Otelo, permanecer na aliança seria equivalente a regressar ao pensamento e às práticas do Estado Novo. Acredita que apenas o socialismo poderá garantir a verdadeira democracia pela qual o povo lutou em abril de 1974. “Ir contra o socialismo é trair o povo revolucionário”, afirmou.



No entanto, outros membros do grupo apresentaram posições mais cautelosas. Mário António advertiu que o país vive um momento de fragilidade, e que uma saída imediata da OTAN colocaria em risco a já instável situação interna. Victor Manuel reforçou essa visão, destacando a retirada das bases navais como sinal da vulnerabilidade nacional e afirmando que “a revolução deve continuar, mas sem novas guerras”.

Carlos Alberto, embora declaradamente a favor da via socialista, alertou para as possíveis consequências internacionais da saída da OTAN aliada a uma entrada no COMECON – proposta mencionada por Vasco Gonçalves. O militar defendeu que a melhor estratégia no momento seria manter Portugal na aliança atlântica enquanto se fortalece internamente. “Precisamos de tempo para consolidar o processo revolucionário antes de enfrentar sanções e isolamento externo”, disse.

Manuel Ribeiro também se posicionou contra uma aproximação imediata à União Soviética, argumentando que o país ainda busca estabilidade política e económica.

Ao final do longo debate, os membros do grupo revolucionário tomaram uma decisão de compromisso: Portugal deixaria formalmente a OTAN, mas não se alinharia de imediato ao Pacto de Varsóvia nem ao bloco soviético. A escolha reflete uma tentativa de preservar a soberania nacional sem fechar portas para o Ocidente ou o Oriente.

A declaração final de Vasco Gonçalves resumiu a posição da sua ala: “A União Soviética não dá empréstimos, dá fábricas.” A frase, carregada de simbolismo, parece apontar para uma visão de futuro centrada no desenvolvimento nacional sob orientação socialista, ainda que sem laços oficiais, por ora, com Moscovo.

O caminho de Portugal permanece incerto, mas os debates desta semana revelam uma nação em busca de identidade no tabuleiro da política mundial. O tempo dirá se a escolha por um não-alinhamento ativo será suficiente para garantir estabilidade e soberania sem comprometer os ideais da revolução de Abril.